

## LINUS PAULING - A VERDADEIRA CIÊNCIA REPUDIA A GUERRA

Nasceu em Aregon, Estados Unidos, em 1901, Linus Pauling é professor de Química desde 1931. Como pesquisador, levou a termo umas das tarefas mais delicadas e difíceis da ciência moderna, em volta das misteriosas forças que mantêm os átomos coesos na formação estrutural das moléculas para a constituição da matéria. Deu a público sua «teoria da ressonância» num livro já considerado clássico em seu campo, com o nome de «A Natureza do Vínculo Químico». Por seu trabalho recebeu o Prêmio Nobel de Química em 1954. Com base na teoria de Pauling elucidou-se o processo da Natureza nas suas combinações químicas. A técnica especial e formidável para a produção de matérias plásticas bem como de substâncias sintéticas e de remédios apoiou-se na «teoria da ressonância».

Mas Pauling não é apenas um homem de laboratório. Sobra tempo ao sábio para lutar pela paz e a liberdade, pela convivência harmoniosa dos seres humanos, pela defesa da própria vida. A posição independente de credos políticos e de homem livre, causaram alguns contratempos ao cientista. Quando vice-presidente da Federação Mundial dos Trabalhadores da Ciência, foi considerado suspeito por zelosos cidadãos norte-americanos, pelo simples fato de aquela entidade abrigar considerável número de elementos comunistas. No entanto, por sua pregação pela liberdade, o Crémolin resolveu desclassificar sua «teoria das ressonâncias», ponto culminante do pensador e teórico da química moderna. Assim, colocado na categoria de homem politicamente suspeito em sua terra natal

e condenado pelos políticos no país de ideologia oposta, o sábio Pauling mereceu o Prêmio Nobel da Paz de 1962.

No seu apostolado idealista, consciente do papel que representa a ciência no mundo atual, chama a atenção dos cientistas para problemas que, sendo um desafio à humanidade toda, não fogem ao domínio da técnica e não podem ser descurados pelos homens de laboratório. «Os sábios — diz Pauling — sabemos que nossa responsabilidade ante os problemas do mundo é muito grande. Já passou a época em que podíamos permanecer em nossos laboratórios indiferentes às agitações da rua, apenas concentrados em nossas investigações. Os homens do ódio e da guerra sempre se apoderaram do resultado de nosso trabalho para utilizá-lo com fins destruidores». Diante do uso da energia atômica para armas bélicas, prossegue o cientista: «Nós nunca tivemos antes oportunidade de pôr em suas mãos os meios para conduzir a humanidade ao apocalipse, para ameaçar a própria existência da espécie humana, para reduzir à indigência dois terços dos habitantes do globo».

Denunciando a corrida armamentista de todos os países, Pauling diz que se deveria lembrar com mais assiduidade o que se gasta anualmente com armamentos: cento e cinquenta mil milhões de dólares ou, em cruzinhos velhos, quatrocentos e sete trilhões e duzentos e cinquenta bilhões, o que representa dez vezes o orçamento da Prefeitura de São Paulo no atual exercício.

Com referência às bombas nucleares, o cientista faz uma análise mostrando que o perigo para a humanidade não

é mera ficção, mas terrífica realidade, não só seu emprego bélico, mas mesmo nas experiências e provas que são feitas para o seu aperfeiçoamento. «Nossos estrategistas fazem distinção entre bombas nucleares LIMPAS e as

substâncias, como o carbono 14 (isótopo radiativo do carbono) que se produzem durante a fissão e a fusão das bombas chamadas LIMPAS. Há dez vezes mais carbono 14 nas bombas termo-nucleares que nas bombas do tipo

continuidade das provas nucleares poderá ser tão perigosa quanto a utilização dessa arma.» «TODO O MUNDO, DIGAM O QUE QUIZEREM, TEM MEDO, VIVE SOB O TERROR DA POSSIBILIDADE DE UMA GUERRA MUNDIAL».

Como se não bastasse o enorme desperdício já feito no desenvolvimento das armas atômicas pelas grandes potências, alguns países subdesenvolvidos desejam participar, também, da fabricação e pesquisas dessas armas. «Entristeco-me, diz Pauling, ao ver a China, com tantos milhões de bocas para alimentar, consumir tão elevadas porções de seus orçamentos em atividades militares». Por isso condena a atitude dos Estados Unidos e dos países com essa nação solidários na política internacional que impede à China participar das Nações Unidas. Com o isolamento de um país de setecentos milhões de habitantes «provocam em seu interior um nacionalismo exagerado».

Usando o elevado signo de «GERA A GUERRA», o sábio ataca não apenas o emprego de armas atômicas, mas toda e qualquer forma de armamento e de extermínio.

Referindo-se à guerra no Vietnã, diz que a opinião pública mundial deve ser esclarecida sobre o emprego de gases, o que é deturpado pelos armamentistas norte-americanos quando dizem que «não são gases mortíferos, mas que provocam simples náuseas ou paralisia temporária». «Na verdade, diz Linus Pauling, «esses gases têm efeito biológico desastroso sobre os enfermos, os velhos e as crianças. Neste momento os civis vietnamitas morrem não apenas pelas

bombas de napalm e fósforo, mas também pelos gases. Dois professores norte-americanos especialistas em biologia molecular, J. Eddsel e M. Misselson, demonstraram-no em petição assinada pelos cientistas mais importantes dos Estados Unidos».

Preocupado, ainda e sempre, com o miserável destino de mais da metade da espécie humana diante do subdesenvolvimento, não é menos digna a atitude de Pauling quando chama a atenção dos responsáveis pela chamada «conquista do espaço sideral». «Creio que o futuro do homem está na Terra e muito tempo transcorrerá antes que existam possibilidades de viajar a outros planetas... Considero excessivas e abusivas as enormes somas investidas na pesquisa espacial... A competição entre os Estados Unidos e a Rússia, fruto de um nacionalismo que é o mal do século, encerra os mais funestos efeitos. Gastam-se somas fabulosas com a mesma finalidade, sendo certo que a metade ou mais deveria ser empregada em proveito dos homens que vivem mal nesta Terra, demasiadamente mal para se preocuparem com o que se passa em outros planetas».

Humanista autêntico, o sábio acredita num futuro mais risonho para a humanidade quando a ciência, pelos seus cultores, seja aplicada no sentido de aumentar o bem de todos: «Não creio que se possam utilizar as descobertas biológicas para fabricar especialistas sem alma, seres «robôs», homens-cérebros que seriam meras máquinas de calcular... Sou otimista quanto ao futuro do homem. Mas de um otimismo lúcido, alerta, vigilante: um otimista mo de combate».

Liberto



Linus Pauling e sua companheira — conscientes de sua contribuição para o bem da humanidade.

qualificadas de SUJAS... Não existem bombas limpas. Em cada explosão formam-se substâncias (estrôncio 90, cério 137, iodo 131) chamadas chuvas radiativas. NORMAIS. Essas substâncias provocam câncer nos ossos, leucemia e mutações genéticas graves. Mas existem outras

A e esse carbono 14 não somente é tão perniciosa como as outras substâncias radiativas, mas conserva sua nocividade total durante muito mais tempo. É preciso que fique bem claro: há muito mais carbono 14 nas chamadas bombas LIMPAS do que nas SUJAS... e a longo prazo, a

## Os acôrdos MEC-USAID e os Estudantes

Por Sergio Leitão

1 — A história desse famigerado acôrdio nos faz lembrar a anedota dos cinco cegos que tentaram descrever um elefante. Cada qual o descreveu consoante a parte tocada, fazendo um quadro surrealista ou de Pop-Art. Corretamente ninguém ainda teve a ventura de ver o acôrdio por inteiro. Os «técnicos» do Ministério da Educação o afirmam extraordinário para o bem da Pátria, porém telam em não exibir de vez a nosso boquiaberto e enfezadinho povo, para que usufrua desse régio pitêu. Não obstante tanto pudor em descobrir um naco apetecível, uma ou outra visão fantástica vai filtrando na imprensa. Aos pouquinhos pingados para não engasgar aos famintos excitados.

2 — Foi por isso que saltamos de alegria ao ler um artigo de Mário Martins no Jornal do Brasil, em que o agressivo deputado mostrava a toca do bicho cabeludo. Era o Diário Oficial de 16 de dezembro de 1966 e que estava esgotada. Conseguida a referida fôlha nossa decepção foi tremenda: nada constava sobre o Acôrdio Mec-Usaid. Que houvera? Alguma falha de revisão? Ou mais um engana Coió?

3 — Entretanto o deputado em análise acusada afirma que foi o embaixador Pio Correia quem assinou o referido acôrdio. E vai muito além,

professoralmente nos ensinando que: «A finalidade do contrato é a criação de uma comissão mista, paritária, de funcionários brasileiros e norte-americanos, para planejar, adotar e executar um programa de educação no Brasil». Como já podemos perceber é um planejamento total do ensino desde o primário até o superior, passando pelo técnico e industrial.

Que temos de efetuar uma reformulação do ensino no Brasil está na cara. Que não tenhamos técnicos e homens capazes no Brasil para essa reformulação, é deplorável, mas bem nacional. Que tenhamos que ir ao estrangeiro pedir essa ajuda já seria humilhante, mas aceitável. Porém ir a USA que desde 1957 apresenta o sistema Universitário em crise e decadência, onde apenas escapam as Universidades de Harvard, Berkeley, Yale, Princeton, onde o resto pode ser misturado com coca-cola, goma de mascar e involucro de plástico, é, perdoem a expressão, simplesmente cair de quatro e zurrar. Que poderíamos buscar a experiência em outras plagas está certo. Porque não em Paris, Basileia, Leyden, Leipzig, Cambridge? Por que a camisa de força tem que ser a Made em USA?

4 — Mas prossegue o sr. Mário Martins: «Em seu Artigo 1º fica dito a propósito de fundos e créditos que «Tais somas, assim como os bens que possam ser adquiridos,

nos termos do presente acôrdio, serão considerados no Brasil como propriedades de governo estrangeiro». E para que não reste qualquer dúvida de que as escolas ou salas de aulas construídas com esses recursos passam de fato ao domínio dos Estados Unidos, acrescenta o artigo 11: «...no caso de denúncia desse acôrdio, todos os fundos e bens da Comissão tornar-se-ão propriedade do Governo dos Estados Unidos da América». Depois desta, e como emblema do acôrdio Mec-Usaid propomos a figura de um marinheiro circunscrito pela frase de Wilson: «A América para os Americanos... do norte!»

5 — O acôrdio Mec-Usaid no que tange as Universidades é simplesmente o transplante do sistema americano para o Brasil, sem se levar em conta as diferenças culturais, raciais, psicológicas e econômicas. É bem claro que atrás desse sarapatel há perninha de barata que denominamos consequências políticas. Quem observa atentamente o movimento Universitário no Brasil facilmente constata que ele se tornou o bastião do protesto e da inquietude política e social desta senzala. Nada mais fácil suprimir a agitação colocando-o na argola, instituindo a chibata do feitor como lei e estabelecendo a paz de cemitério. Para tanto é preciso impedir que as pessoas vindas das camadas pobres possam ascender a Universi-

dade para onde levam a inquietude e as amarguras de uma experiência de vida. Ora isto foi proposto pelo relatório ATCON pai e mãe dos Acôrdos Mec-Usaid.

### O QUE É RELATÓRIO ATCON?

6 — O relatório Atcon nasceu em 1958 com o título de Anteprojeto de Concentração da Política Norte Americana na América Latina na Reorganização Universitária e sua Integração Econômica. Em 1961 passou a se intitular The Latin America University. Em 1963 aparece em tradução na revista colombiana Eco e é encampada pela USAID para formar a espinha dorsal de seu plano educacional para a América Latina. Através de uma análise lúcida o autor do relatório afirma que «o desenvolvimento sócio-econômico de uma comunidade é função direta de seu desenvolvimento educacional» (pág. 9) que «para o desenvolvimento da América Latina, a educação superior constitui o verdadeiro ponto de partida» (pág. 18) e conclui que «o clã dos graduados universitários domina todos os aspectos significativos da vida social; acresce-se a isso que apenas 4 em cada 10.000 latinos americanos atingem um grau acadêmico e podemos prontamente concluir que é nosso dever consagrar a máxima atenção, quando não INTERFERIR de-

cisivamente nesta instituição social denominada A Universidade» (pág. 20).

Por mais beócios e subdesenvolvidos mentalmente que sejamos o assunto está exposto de maneira que entra pelos olhos. Intervenção na universidade para formar uma casta de dirigentes tupiniquins que masque chiclets, sejam fan dos digests e rezem pela cartilha do Imperialismo Americano em conúbio com os potentados do país. E é evidente que essa classe de gente não poderá sair do proletariado e da média burguesia.

Com o título de Recomendações (pgs. 147-157) propõem o relatório: a) desenvolver uma filosofia educacional para o continente... Bem entendido a filosofia deles americanos, que sirva a seus interesses e propósitos. No item sobre a Universidade afirma: «O melhor sistema legal para alcançar o grau de autonomia é a transformação da universidade estatal em fundação privada. Onde, acrescentamos nós, americanos poderiam influir mais livremente, sem os óbices de interferência de um organismo estatal, mas não é só... veja agora essa beleza contida no item da Reforma administrativa: «...eliminação da interferência estudantil na administração, tanto colegiada quanto gremial».

E que entendam, de uma vez a massa estudantil, que sunção é: ficar de côcoras na

Universidade, fazer festas de formaturas e... morrer impalados no Vietnã. Para arrematar: Colocação do ensino superior em base rentáveis, cobrando-se matrículas crescentes durante um período de dez anos. Isto quer dizer que pobre só poderá ser operário e bucha de canhão. Por muito talento que tenha não conseguirá atingir as portas de uma Universidade. Assim ficará eliminada a subversão, o protesto, a grita, o espremejo nacional e o bom burguês dirigente, o coronel latifundiário poderão fazer em paz a digestão, no ripanço, soltando flatos e outros gases mal cheirosos. Idem, também, para os que paternalmente tutelam o bom comportamento nacional. Que Freud os abençoe! Está, assim enterrada a subversão carnavalesca do país inspirada pelo Mao-Gulart, pelo Ché-Brizola, pelo Ho-Chi-Arraes, secundados pela guarda verde-amarelada legiões estudantis.

Mas em que pese tudo isso os problemas permanecem, ainda que o programa esteja em franca execução a grita se avoluma. O protesto continua. Os Congressos se realizam. Os jornais vão levantando o véu desse cadáver insepulto.

E o estudante, macaco velho de guerra, saltitando de galho em galho, que tem esse mau hábito de pensar, não meterá a mão nessa combuca USAIDA.

# UNE - ALTOS E BAIXOS DE UMA TRAJETÓRIA

ARI SERPA

A realização tumultuada e algo romanesca do 29.º Congresso da União Nacional dos Estudantes em Vinhedos, São Paulo, e do qual participaram "involuntariamente" os padres Beneditinos do Convento São Bento, veio colocar em pauta a trajetória irregular do ponto de vista político, dessa instituição estudantil, oscilando sempre entre atitudes extremamente imaturas e posições lúcidas; entre o caminho totalitário o esquerdizante e a defesa dos mais nobres sentimentos libertários e populares.

**ORIGEM DA U.N.E.** Em 1929 concretizando uma antiga idéia da Sra. Ana Amélia de Mendonça, surgiu a Casa dos Estudantes do Brasil, visando promover assistência social entre a classe estudantil. Três anos mais tarde foi sugerida sua filiação à Confederação dos Estudantes, sediada em Bruxelas, porém os trabalhos de aproximação com esta entidade só foram iniciados em 1936, quando a universitária Clotilde Cavalcanti viajou para Sofia, representando o Brasil no Congresso da C.I.E. Em 1937, o Conselho da Confederação reunido em Viena, sugeriu a reunião de uma assembléa das associações estudantis brasileiras, para fundar uma entidade máxima. Estava criada a União Nacional dos Estudantes. A Casa dos Estudantes do Brasil, cumprindo o art. 25 de seu Estatuto, convocou os estudantes para se reunirem em um Conselho Nacional de Estudantes, cuja sessão inicial tratou da

elaboração dos Estatutos e do Regimento Interno. No mês de Agosto foi eleita a primeira Diretoria do Conselho Nacional de Estudantes, nome pelo qual era conhecida a U.N.E.

**CONQUISTA DA AUTONOMIA.** No ano de 1938, durante o 2.º Congresso Nacional de Estudantes — o primeiro ocorreu em 1909, em São Paulo — realizado entre 9 e 21 de Dezembro, no teatro Municipal, o estudante Antônio Franca apresentou uma tese intitulada União Nacional de Estudantes, pela qual a entidade se separava da Casa do Estudante e passava a ter vida própria. Após esse Congresso que elegeu Valdir Borges presidente da entidade, a U.N.E. começou a agir criando vários departamentos, entre os quais o de Cultura, dirigido por Pascoal Carlos Magno. Em 1939 no concurso de peças teatrais, dois jovens saíram vencedores: Alfredo Dias Gomes, com A Comédia dos Moralistas e Mário Brasini com Estudantes. Ainda em 1939, a U.N.E. após uma série de desentendimentos com a Casa do Estudante, que a acusava de se desviar de seu caminho, decidiu separar-se definitivamente da entidade, dela se desligando no ano seguinte, a 22 de abril de 1940.

**LUTAS E TEMPOS DIFÍCIS.** Faltando a colaboração da Casa dos Estudantes a U.N.E. resolveu criar um Conselho Consultivo, formado por ex-presidentes da entidade e em julho daquele ano elegeu sua quarta Diretoria, tendo como presidente Luiz Paes Leme. Nessa época a U.N.E. não ti-

nhu sede; desde sua fundação se reunia ora numa sala do Ministério da Educação, ora na casa de Ana Amélia e, algumas vezes no Diretório Central

U.N.E. o estudante de engenharia Hélio de Almeida. Começou aí uma das fases mais importantes da entidade, quando ela própria inaugurou um

passeata foi realizada no dia 4 de julho de 1942, quando os estudantes comemoraram a independência dos Estados Unidos, na época considerado ex-

to das passagens de bondes, havendo vários feridos e presos. Em 1959, sendo Presidente Raimundo Eirado, a U.N.E. decretou uma extraordinária greve geral, em apoio aos estudantes da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Rio de Janeiro, na época coagidos e sofrendo inúmeras arbitrariedades por parte de seu Diretor, o professor Rolando Monteiro.

Foram realizadas passeatas e inúmeras sessões, acabando os estudantes por saírem vitoriosos do movimento e acarretando o afastamento do Dr. Rolando Monteiro, da direção da Faculdade. Em 1960, João Manoel Conrado, tentou, sem êxito, a refiliação da UNE à União Internacional dos Estudantes, ao mesmo tempo que liderou uma campanha em defesa da Escola Pública.

**AGITACÃO E DECADÊNCIA ÉTICA.** O período de Conrado marca profundamente a vida estudantil. A cúpula totalmente desligada das decisões de base, adota as mais radicais posições em todos os pontos contrárias ao pensamento da maioria estudantil. Assim deu o seu apoio ao ditador Fidel Castro, e lança as consignas anti-americanas. Seu substituto, Oliveira Guanais de Aguiar, foi duramente criticado por promover uma passeata de apoio a Fidel Castro e trabalhar para atrelar o movimento estudantil brasileiro aos movimentos dos países totalitários de esquerda. Os estatutos autenticamente totalitários da UNE, permitiam à cúpula dirigente decretação de greves políticas sem a prévia consulta a todos os estudantes sobre a realização da mesma. Assim decorria o tempo necessário da provocação e, quando a base estudantil revelava ser contrária às medidas tomadas pela Diretoria, o assunto já entrava em ponto morto.

No 25.º Congresso subiu à Presidência Aldo Arante e com ele e Centro Popular de Cultura destinado a levar cultura ao povo. Liderou a campanha exigindo a presença de 1/3 de estudantes no colegiado universitário. Depois do Congresso de Quitandinha, fartamente financiado pelo senhor Leonel Brizola e que terminou em grossa pancadaria, a decadência ética estava começando a atingir o limbo. Aldo Arante passou o cargo a Vinícius Brant, quando a entidade deixou de parte os problemas estudantis e brasileiros para se preocupar, somente com política internacional. Posteriormente a presidência foi entregue a José Serra, de São Paulo, que prometeu seguir-lhes os passos, mas não pôde. Começou haver defecções, Diretórios acadêmicos como o da Escola de Engenharia e da Medicina, romperam com a UNE. Ela prosseguiu em sua trajetória sinuosa, participando dos comícios de 31 de março de 1964, na Central do Brasil, na greve dos marinheiros e no dia 1.º de março do mesmo ano, por ocasião do golpe militar, a UNE foi incendiada pelos próprios estudantes que fugiram em debandada.

**CLANDESTINIDADE E O 29.º CONGRESSO.** Suprimida por decreto após o golpe de 31 de março, a UNE conseguiu reunir os destroços de uma trágica época e já então orientada pelas esquerdas católicas partiu para uma atuação clandestina que veio culminar com a realização do 29.º Congresso em São Paulo, em julho de 1967, apesar das proibições oficiais e do aparato policial posto à disposição. Entretanto permaneceram os mesmos vícios de origem. Uma cúpula dirigente bastante dividida realiza um Congresso, toma determinações e posteriormente vai divulgar essas decisões a todos os estudantes. Isto é, partem do ápice para a base, quando o certo seria partir das decisões de base para as determinações de ápice. Assim incorrem novamente no erro de permanecerem isolados em suas decisões. A carta divulgada, se for autêntica, é de uma vulgaridade pasmosa. Repete os velhos chavões surrados de um nacionalismo caolho e catequético, além da péssima redação. Volta-se aos velhos erros do passado, sem uma crítica saudável e que já vai tornando-se monótona e enfadonha. Voltaremos ao assunto para analisar as deliberações do Congresso e fixar a posição libertária.



Houve, sim, o Congresso da U.N.E., singularmente realizado à sombra de vinhedos, sob a vista paternal daqueles que, como senhores, sempre deformaram as reais aspirações da mocidade, e agora... os protegem...

dos Estudantes, rua Alvaro Alvim, 41, num conjunto alugado por três mil réis. Em 1942 era presidente da

processo de apoiar ou condenar qualquer movimento que surgisse no Brasil ou no exterior; a passeata pelas ruas. A primeira

tremamente subversivo, pois a ditadura de Vargas tinha extremadas simpatias por Hitler e Mussolini. No dia 22 de Agosto de 1942, os barcos brasileiros Arapá, Itagiba e Araraquara foram torpedeados próximo ao litoral, morrendo mais de cem pessoas. O Brasil declarou guerra ao Eixo. Os estudantes saíram às ruas, se dirigiram à Praia do Flamengo, 132, sede do Club Germania, ocuparam o edifício e aí instalaram sua sede. O Ministro da Educação, Gustavo Capanema, no mesmo dia oficializou a posse.

**EXPANSÃO DA ENTIDADE ESTUDANTIL.** A U.N.E. foi ampliando seus departamentos através de campanhas financeiras e verbas recebidas do Ministério da Educação. Surgiram nessa época o futuro teatrólogo Nelson Rodrigues e o encenador Ziembsky que passaram a frequentar a sede e assim nasceram para as artes cênicas do país. A Diretoria se preocupava no momento com o problema da guerra e uma campanha de fiscalização dos 5.º colunas foi lançada com apoio ao chefe de polícia da época, Coronel Alcides Etche-goyen.

**NOVOS RUMOS.** Ao terminar a guerra mundial para derubada do fascismo, o Brasil estranhamente permaneceu em regime de ditadura fascista, manietado por Vargas e seus acólitos. Iniciou-se um movimento sigiloso dos partidos recém-fundados UDN e PSB. Objetivo único: desentronizar Vargas e sua camarilha fascistoide. Comícios relâmpagos, passeatas, manifestos, movimentos de rua, em tudo pontificava a U.N.E. Em 1948, o Presidente Roberto Gusmão firmou posição de que a entidade não ficaria calada a nenhum fato que interessasse diretamente ao povo, a U.N.E. esteve ameaçada de fechamento. Na gestão de Genival Barbosa, um estudante foi atropelado e morto diante da sede. Os estudantes bloquearam a rua para impedir a passagem de bondes e ônibus. Intermédio a polícia e com ela a violência. No 12.º Congresso realizado em 1949, na Bahia, José Frejat, candidato da esquerda venceu as eleições para a Presidência e mandou este telegrama para o Ministro da Educação: "Temos a grata satisfação de comunicar que V. Excia. foi mais uma vez derrotado. Desculpe o mau jeito". O telegrama foi considerado pura provocação e a polícia passou a vigiar a sede, tendo, no ano seguinte, detido dois estudantes acusados de "subversivos" por protestarem contra a Embaixada Espanhola.

De 1949 a 1951 a U.N.E. manteve-se afastada da política. Em 1952, durante o 15.º Congresso, desligou-se da União Internacional dos Estudantes e iniciou a campanha pela Petrobrás. Em 1956 os estudantes entraram em greve geral para protestar contra o aumen-

## O combativo "Dealbar" completou dois anos!

PARABENS « DEALBAR »

Passou-nos quase despercebido que, com a publicação do nº 7, Dealbar cumpriu o seu segundo aniversário. Por nos sentirmos satisfeitos de ter atingido, sem graves inconvenientes, o nosso segundo ano de vida, queremos alinhar algumas palavras como se fossem uma prestação de contas aos nossos companheiros, aos simpatizantes e amigos leitores que nos acompanharam nesta curta porém difícil caminhada. Surgimos com Dealbar num tumultuado momento em que o país estava sob o rescaldo de uma revolução, cuja vitória tranqüila e, sobretudo, inerte, pressunha trazer, ao povo brasileiro, aquela tão almejada tranqüilidade e, especialmente, a solução inadiável dos pungentes problemas que tanto sacrificam aquela classe de gente laboriosa, pejorativamente chamada de «baixa camada social». Surgimos com a fé inquebrantável de juntar o nosso pequeno e modesto grãozinho de areia à grandiosa obra de ilicidação e reconstrução nacional que parecia empreender-se naqueles caldeados momentos de vozeios patrióticos e de clamorosas proclamações Democráticas. Surgimos com propósitos honestos e desinteressados porque não somos «partidos», nem políticos e nem nada reclamamos para nós. Somos uma voz do povo, uma voz que se funde no clamor de um século que busca a compreensão dos homens para a inauguração de novas soluções para os atritos dos interesses criados.

Surgimos como consequência dum impulso natural que vive em nós e que se alicerça no conteúdo ideológico de uma filosofia social, humana e altruísta, que proclama a união dos povos como símbolo de fraternidade universal, e a igualdade social como o mais sagrado e intangível direito humano de todos viverem bem e decentemente.

Surgimos banhados por aquela velha e inquebrantável esperança, que se renova sempre e cada instante em que a marcha evolutiva do progresso procura remover a velha andaimaria onde se assentam as vencidas estruturas políticas de todas as nações do mundo: quer descendam dos arcaicos Direitos Romanos que fundamentam a Propriedade Privada como pedra angular da Sociedade — combatida até pelo próprio Papa — quer promanam do já falido Materialismo Histórico propagado e defendido pelos comunistas, que se alicerça nas forças cegas do fatalismo econômico, desmentido incontestavelmente, por espaço de 50 anos de trágicas experiências em todos os territórios de dominação comunista. Surgimos alentados pelos depoimentos públicos, aquietantes e promissores, daqueles homens que tomaram a si responsabilidade de conduzir a Nação na trilha certa que a salvaguardaria da truculenta ditadura comunista, mas, também, dos maléficos defeitos da Democracia.

Mas, aí de nós! A quinta revolução brasileira segue os mesmos destinos, as mesmas pegadas das quatro anteriores. Mais uma vez a miopia política havia de enturvar as claras esperanças de um povo pacato, laborioso e confiado. Mais uma vez aquele velho e entranhado Misonismo que se opõe a tudo o que é novo, a novas idéias, a novos costumes e novas formas de intercâmbio social, serviu para distorcer as boas intenções (se as havia) e tudo não passou de esgançados gritos de «combate» ao comunismo. Combater o comunismo, era tudo. Via-se nele, em sua extinção, a pacificadora solução dos premiantes males que atormentam o nosso povo. E aí reside, a nosso ver, o erro palmar dos homens que se assenhorearam do poder. Os males que padecemos e que criam os profundos conflitos de classes, as escaldantes mazelas sócio-econômicas que tanta angústia causam no seio das populações, são muito anteriores ao aparecimento do comunismo no cenário poli-

tico mundial. Ele mesmo, o comunismo, sofre-as em seus domínios, e, em maior escala até, porque o seu absolutismo sufocante banuiu todas as liberdades públicas, despersonalizou os cidadãos e também baseia a sua economia na exploração do homem pelo homem, e do homem pelo Estado.

Portanto, não são males contingentes, eventuais, trazidos pela peste comunista. São calamidades permanentes oriundas da engranagem orgânica da Nação, vindas dos defeitos estruturais da Constituição que não prevê a limitação da riqueza particular e da ganância pessoal, assim como não prevê a limitação da pobreza. Estes dois polos conflitantes não foram removidos, continuam acentuados em suas trágicas consequências, mantendo inalterada a tranqüilidade do povo e fazendo o caldo gordo ao comunismo que medra e cresce onde a miséria açoita e a fome abraza. Não se combate o comunismo mantendo intacta toda a nauseante e indecorosa exploração que campeia em todos os setores da nossa atividade social; não se combate o comunismo alimentando a concorrência fratricida de galves e quem puder. Com a falta de casas, de hospitais, de escolas, de água, e de condução; sem assistência médica, sem Previdência social a altura dos aposentados, sem salários condizentes e sem o direito de perder a paciência por tudo isto, o comunismo cresce e se agiganta dentro daquela tétrica legenda que ornamenta o seu estandarte: QUANTO PIOR, MELHOR! É preciso persuadir-se de uma vez por todas que a simples troca de homens no poder não faz calar o ronco dos estômagos vazios. É preciso que os mandatários, os que vivem bem, comecem a olhar muito seriamente para os que são relegados ao infortúnio, para os desprotegidos da Sociedade, para aqueles homens de mãos grossas e camisas desbotadas, porque são os que fazem a grandeza da Nação e constituem o material preciso onde se abastece o comunismo.

Talvez a nossa voz se perca no tremendo turbilhão dos desajustes sociais. Quicá o nosso grito não alcance a dimensão dos nossos desejos. Mas isso não arrefece o nosso ânimo e nem abala a nossa imperecível convicção. Trazemos um passado de lutas enunciado em nossos cabelos brancos como um testemunho da nossa persistência. O nosso pensamento permanece virgem como quando começamos porque confiamos no homem, no que ele tem de bom. Não pertencemos aos omissos, nem aos conformados e nem aos desvitalizados incolores, dúbios e indecisos. Somos da geração vibrante, daquela que não descremida idades, daquela que viveu ontem, vive hoje e viverá amanhã, porque o progresso não para, a evolução não morre e o bem estar dos povos é uma conquista. Surgimos porque existe um imperativo em cada ser humano, um dever histórico em cada geração, que interliga e funde, numa soma única de esforços, todas as gerações passadas, presentes e futuras, na elaboração grandiosa do grandioso patrimônio Universal. E porque ninguém tem o direito de omitir-se na construção maravilhosa do esperado mundo de amanhã, aqui estamos nós, deixando nas mãos dos nossos companheiros, amigos e simpatizantes, este singelo depoimento como agradecimento ao apoio que nos deram: Obrigado Amigos! Obrigados Companheiros! Se o vosso calor não nos faltar, se a vossa mão amiga cingir a nossa mão como um feixe inquebrável de Esperanças. Dealbar prosseguirá singrando os mares turbulentos das refregas sociais, até que o Brasil encontre o seu destino certo, dentro de um ordenamento de vida superior em que cada brasileiro tenha assegurado, sem sofismas de leis e sem astúcias políticas, todos os seus direitos e deveres, como cidadão e como ser humano.

PEDRO CATALLO

# Os dias foram sempre Negros para os Negros

Por E. Rodrigues

Com a chegada dos colonizadores portugueses e o desbravamento dos sertões brasileiros, tornou-se evidente a falta de braços para o trabalho e não tardou o grande tráfico de negros da África chamada portuguesa. Aqui chegados esses africanos, sob a condição de escravos, eram vendidos para os grandes fazendeiros que, graças à audácia e ao roubo, uns; e ao beneplácito dos governadores, outros; dominavam vastos latifúndios.

A desigualdade social tornava-se aberrante, não só pelas condições miseráveis em que viviam os trabalhadores negros, mas também, pelo tratamento que lhes dispensavam os feitores e os latifundiários. Maus tratos alimentares, espancamentos e o rigor do cativo, quando surgiam atos de rebeldia, tornaram-se odiosos meios de subjugar o trabalhador rural. Os castigos no "tronco" de pés e mãos amarradas e o pescoço imobilizado entre dois pedaços de madeira, o suplício do "viramundo", um pequeno instrumento de ferro, que prendia pés e mãos do escravo forçando-o a terríveis posições por muitos dias, o "cépo", uma grande tórax de madeira que o escravo era obrigado a carregar na cabeça ao mesmo tempo em que ela ficava presa a seu tornozelo por grossas correntes, o "limbabo", argola de ferro em volta do pescoço, cheias de chocalhos; a "golinha", placas de ferro pesadíssimas e com pala-

vas aviltantes; os "anginhos", anéis de ferro com parafusos que se apertava até esmagar as partes do corpo onde estavam

Nascem juntas de Alforria, associações clandestinas para conseguir dinheiro por meio de cotizações e comprar a liberda-

de das autoridades, fruto valioso de um trabalho livre. A floresta de Palmareis, assim chamada por ser fértil em palmeiras, era um cordão de mata que se estendia das vizinhanças do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, até a zona ao norte do curso inferior do São Francisco, em Alagoas. As suas condições geográficas e as terras férteis ali situadas foram alvo de fugitivos da escravidão reinante nas fazendas, nos canaviais, nos engenhos de açúcar, nos currais de gado, nas Senzalas das vilas do litoral e das cidades. Aos poucos, os fugitivos foram ali construindo suas casas aliciando outros trabalhadores e o quilombo cresceu, atingindo 6.000 habitantes das mais diversas profissões. Sem chefes, sem leis e valendo-se dos mais rudimentares recursos, iniciaram plantações de canaviais, roças de milho, e os artesãos que vinham das cidades, montaram tendas de ferreiro, de fabricação de cestos, de chapéus, abanos, potes, e vasilhas e outros dedicaram-se à criação de galinhas, à pesca e à caça. No curso dos anos Palmareis ganhou ares de uma nova civilização em que seus componentes trabalhavam em comum e em comum viviam. Os donos do produto do trabalho coletivo eram todos, embora houvessem os que mais se destacavam pela inteligência e pelo espírito guerreiro; todavia, no trabalho e no consumo, não havia distinções. O produto do trabalho coletivo era depositado em celeiros públicos e ali dis-

tribuído de acordo com as necessidades de cada quilombola. As sobras eram trocadas por produtos manufaturados, armas de fogo, roupas e ferramentas industriais e agrícolas. De começo, as populações vizinhas do quilombo não queriam fazer negócio com os negros fugitivos, mas, aos poucos, o exemplo do trabalho e a riqueza dos seus produtos fê-los aceitar as trocas.

A concentração em Palmareis chegou a atingir de 16 a 20 mil pessoas, que souberam formar um vasto plantio dos mais variados produtos agrícolas e resistir aos ataques dos poderosos exércitos da coroa portuguesa e desafiar a economia burguesa de então.

A fuga das fazendas, a tomada de terras e a construção de aldeamentos que rapidamente se agigantaram diante dos sobrados dos fazendeiros poderosos, é mais que uma deserção, à escravidão, é a luta por um mundo novo, sem exploradores e explorados. Os revoltosos em Palmareis, diz Edson Carneiro, faziam recolher ao celeiro comum as colheitas, o produto do trabalho das roças, dos currais, dos moinhos, para realizar-se, então, em plena rua, na praça, a distribuição de víveres e cereais entre os vários moradores dos mocambos que puderam assim resistir durante cinquenta anos aos ataques do patriarcalismo dos senhores do engenho, aliados aos capitães-mores. Há mesmo quem veja, tal como nós, um raso de socialismo no sistema de vida organizado pelos ex-escravos, em Palmareis, razão porque puderam resistir à economia patriarcal e escravocrática, então em toda sua glória. Viu-se uma cidade de mocambos erguer-se sázinha, do meio do mato, contra as Casas-Grandes e os sobrados de pedra e cal do norte do Brasil. Em nenhum lugar do Sertão havia campos tão bem lavrados. Esta comunidade de homens livres apavorou os engenhos.

Sobre Palmareis, corriam lendas entre negros e brancos que serviram para encorajar uns a fugir, e outros a justificar suas derrotas, mas o certo é que ali, no meio do mato, nasceu um Novo Mundo, com costumes, todos eles benéficos por idéias reformistas. O Quilombo dos Palmareis não seguia as tradições religiosas para o batismo dos que ali nasciam e os seus casamentos eram livres e regidos por leis da natureza.

Já nos anos de 1644 e 1645, os quilombolas foram atacados pelas expedições holandesas, a primeira comandada por Rodolfo Baro e a segunda pelo capitão João Blaer, que não conseguiram vencer os palmarinos nem tomar-lhes as terras conquistadas. Mas, o pior estaria para vir com as expedições sucessivas de lusos-brasileiros. Ao todo, 18 expedições comandadas por capitães-mores, por altas patentes militares e milhares de soldados, muitos dos quais, ali perderam a vida, e gastaram 92 anos para vencer o Quilombo de Palmareis, tomar suas terras, destruir as plantações, matar e vender os negros que conseguiram aprisionar.

Palmareis foi vencida e no lugar daquele reduto de trabalho livre, da livre iniciativa e de uma vida em moldes libertários, nasceu um grande latifúndio, com trabalhadores escravos, mas, em outros pontos do Brasil, movimentos para conquistar a liberdade e destruir o poderio dos senhores feudais germinavam, ora com o nome de Balaios, ora de Contestados ou de Guerra dos Canudos.



O liberto: — Mesmo assim, irmão, ainda há muita LIBERDADE a ser conquistada!

fixados; e o chicote foram alguns dos instrumentos usados para reprimir o escravo do campo.

de do escravo. Mas, nasce também o movimento secreto dos que não pretendem comprar a liberdade, mas conquistá-la.

## OS VIETNAMITAS

Este trabalho é um manifesto elaborado e distribuído pelo Comitê do Dia do Vietnam, Universidade de Berkeley, que teve ampla difusão no seio das unidades do exército norte-americano e nos meios estudantis. A oposição a guerra dentro do povo yanqui atinge atualmente, segundo últimas pesquisas, a cifra de 51%. Dentro das universidades os focos de resistência crescem, se aprofundam e adquirem, como vemos neste apêlo, uma autêntica tonalidade libertária.

Você pode ser enviado a qualquer momento para o Vietnam. Você ouviu falar sobre a guerra nos jornais; seus oficiais vão fazer pales-

porque reuniu seu país quando este suportava uma péssima situação.

O general Ky não significa muito para nós; não sabemos nem pronunciar seu nome, porém os vietnamitas viveram muitos anos governados por homens iguais a ele.

Para os vietnamitas, nós lutamos ao lado do hitlerismo, e eles esperam que sejamos derrotados.

Quem é o Inimigo?

Os porta-vozes militares norte americanos repetem amudadamente que seu grande problema é encontrar o inimigo. O inimigo, afirmam, esta em todas as partes. A velhinha que alimenta suas

guerra do Vietnam é uma GUERRA SUJA. Quando os vietnamitas o vêem com um uniforme estrangeiro, pensam em você como num inimigo.

Vocês são os que bombardeiam suas cidades. Os vietnamitas não sabem distinguir um voluntário, um belicista de um pacifista; portanto não haverá oportunidade para vocês se salvarem.

Eleições Livres

Os vietnamitas quiseram votar para que os estrangeiros se retirassem de seu país, porém lhes foi negado essa contingência. De acordo com a resolução de Genebra de 1954, teria que ter sido realizado eleições no Vietnam em 1956. Porém o Departamento do Estado tinha a certeza de que Diem, nosso homem do Vietnam, iria perder. Logo, decidimos não permitir eleições até que estivéssemos seguros de ganhar.

Diem formou a polícia política e encarcerou toda a oposição. Em 1959 estava claro que nunca haveria eleições e os guerrilheiros, conhecidos por Vietcongs começaram a lutar.

Por volta de 1963 nosso governo não suportava mais Diem, porém também não queria correr o risco de uma eleição. Nosso serviço de inteligência ajudou um grupo de generais vietnamitas a dar um golpe em Diem, que acabou sendo assassinado. Desde então tem havido uma série de ditaduras militares, e o general Ky — o homem que admira Hitler — é o último ditador.

Lutando pela Democracia

Vossa tarefa como soldados se supõem que é cativar ao povo Vietnamita. Cativá-lo para que? Para a democracia? Não, posto que mantemos um ditador no poder. Para que então? Para o «american way of life»? Porém, porque aos vietnamitas lhes val importará mais nosso modo de vida, do que nos importa a nós o modo de vida deles? Não sabemos falar sua linguagem, nem sequer pronunciar seus nomes. Não sabemos nada sobre sua religião, nem sequer se existe. Nunca ouvimos falar de Vietnam, até que Washington decidiu governá-lo. Supõem-se que vocês lutam para salvar o povo vietnamita do comunismo. Certamente a influência comunista é forte na Frente de Libertação Nacional. Também que a maioria da população apoia o FLN. Por que? Muitos dos aderentes do FLN lutaram na resistência vietnamita contra os japoneses na segunda guerra

mundial e depois contra os colonialistas franceses. A maioria da população vietnamita pensa no FLN como no representante da melhor tradição patriótica.

As Guerrilhas

Os jornais e a televisão nos explicam de quando em vez o duro que é lutar contra a guerrilha do Vietcong. Carentes de munição e sem cobertura aérea os guerrilheiros podem abater forças que os superam na proporção de 10 para 1. Por que têm tão alta moral de luta? Eles são conscritos. Nenhum conscrito pode lutar assim. A maioria são camponeses que trabalham a terra; não têm sequer munição para treinar. O segredo está em que eles sabem porque lutam. Nunca ouviram falar do Vietnam pelos jornais; viveram toda sua vida ali. Enquanto freqüentávamos o ginásio, eles viviam sob o regime do tirano Diem e o odiavam.

Esmagamento da Resistência

A guerra do Vietnam não se faz de acordo com as regras. Os prisioneiros são torturados. Nossos aviões jogam bombas incendiárias sobre população civil indefesa. Nossos soldados disparam sobre mulheres e crianças. Nossos oficiais, afirmarão que tudo isso é necessário, que a guerra não pode ser ganha de outra maneira... e têm razão.

Os americanos não são mais cruéis que os outros; os soldados americanos não disfrutam este tipo de guerra. Mas se vocês desenvolvem uma guerra contra um povo inteiro, vocês se tornam cruéis necessariamente. Nem o soldado alemão que ocupou a Europa era especialmente cruel. Porém, quando o movimento de resistência cresceu se tornou cruel. Matou mulheres e crianças porque estas atiravam contra eles; e nunca perguntaram porque acontecia isso. Quando alguma pequena povoação se tornava centro da resistência a arrasavam seguindo ordens. Sabiam que os SS torturavam prisioneiros, porém ele não podia interferir em assuntos que não eram seus.

Obedecendo Ordens.

Como soldado você aprendeu a obedecer ordens; porém como ser humano você deve tomar responsabilidade por seus próprios atos. A lei internacional e a lei norte-americana reconhecem que um soldado ainda quando atuem sob ordens deve sobrelevar a responsabilidade

legal e moral do que faz. Este princípio veio a formar parte da lei depois da segunda guerra mundial, quando as nações aliadas decidiram que os criminosos de guerra alemães deviam ser castigados, inclusive quando cometessem crimes sob ordens. Este princípio foi a base dos julgamentos de Nuremberg.

Lutemos Contra a Guerra.

Esperamos que você se situe como ser humano incapaz de tolerar esta luta bárbara e esperamos que você se oponha a ela. Não sabemos que classe de risco corremos ao entregar este panfleto; você não sabe que riscos correrá opondo-se a guerra. Um grande número de soldados norte-americanos se recusaram combater no Vietnam e foram julgados pelas cortes marciais. Eles demonstraram grande coragem. Acreditamos que eles, junto com outros bravos que seguirão o exemplo, terão influência fora do comum.

Há outras coisas que você poderá fazer; desde o momento em que esteje de serviço, conhecerá melhor que os civis que tipo de oposição é possível. Porém aconteça o que acontecer, mantenha-se atento. Tire suas próprias conclusões do que vê, ouve e lê. Nas sessões de orientação, não tenha medo de perguntar e se não estiver satisfeito com a resposta, continue perguntando. Aproveite cada ocasião para falar com seus companheiros soldados sobre a guerra. Se você seguir para o Vietnam sob ordens, possivelmente será forçado a lutar, porém não faça «mais» do que deva... E boa sorte.

Vietnam Day Committee  
2407 Fulton Street  
Berkeley — Califórnia.

### Contribuições recebidas

(continuação)

O Magro, NCr\$ 1,00; Trubillano, NCr\$ 37,00; J. Valverde, NCr\$ 5,00; Valesella, NCr\$ 5,00; Kairús, NCr\$ 2,00; Genevino, NCr\$ 1,00; D. Pacheco, NCr\$ 1,00; M. Franco, NCr\$ 3,00; P. Teixeira, NCr\$ 1,00; R. Fernandes, NCr\$ 4,00; Dou-  
tor, NCr\$ 30,00; Ceclio, NCr\$ 5,00; Gumerindo, NCr\$ 5,00; O Arica, NCr\$ 1,00; Florêncio, NCr\$ 0,50; Melantonio, NCr\$ 1,00; Raya, NCr\$ 3,00; Paco, NCr\$ 2,00; Severo, NCr\$ 2,00; F. Asencio, NCr\$ 5,00; Jaime, NCr\$ 5,00; Hibrain, NCr\$ 5,00; A. Cuberos, NCr\$ 5,00; Folhetos, NCr\$ 5,00; Maria Valverde, NCr\$ 4,00; Mara Valverde, NCr\$ 1,00; A. F. Trindade, NCr\$ 1,00; Atlio, NCr\$ 3,00; Cilento, NCr\$ 10,00; J. Moreira, NCr\$ 1,00; Castor, NCr\$ 3,00; Agostinho, NCr\$ 12,00.



— Jovens, sobre nós pesa o imperativo de livrar os povos do MONSTRO DEVORADOR, — O Comunismo —  
Os vietnamitas necessitam de nós, da nossa ajuda, do nosso sangue!  
Os jovens: — NUNCA!

tras sobre ela. Porém você se sentirá tão confuso e desorientado como a maioria dos americanos.

Muitos dirão que você somente deve obedecer ordens e deixar que os outros pensem. Porém você tem o direito de saber tanto como os sábios, sobre a guerra. Pois afinal, não são os homens do Congresso que vão ser mortos, mas sim você.

Por que Estamos Lutando no Vietnam?

Supõem-se que lutamos para proteger a democracia, não obstante nosso governo reconheceu que no Vietnam do Sul há uma ditadura. O general Cao Ky, o último ditador militar, é tão mau como os que o precederam. Em recente entrevista um diário de Londres, ele afirmou: «Perguntam-me quem são meus heróis... Eu só tenho um: Hitler. Admiro Hitler

galinhas pode esconder grandes em sua choça. A criança que segue as operações diurnas das tropas americanas, desaparecem pela noite, para entregar informações aos guerrilheiros. A lavadeira da base aérea, um dia faz explodir uma bomba para complementar seu dia de trabalho. É impossível, nos dizem os porta-vozes militares, saber quem são os do Vietcong e quem são os civis.

Então, como todo o povo vietnamita parece ser o inimigo, os militares tomam suas precauções. Usam gases mortíferos (uma arma especialmente desenhada para uso contra os civis). Ordenam fazer fogo contra as mulheres e crianças... porque, acima de tudo mulheres e crianças estão lutando contra as tropas norte-americanas. Os aviões dos Estados Unidos destroem populações civis com napalm; os B-52 arrasam regiões inteiras. Por isso a

«MECÂNICA DO SONO»

CONFERÊNCIA

Como era esperado o Dr. Vivaldo Simões pronunciou, com beleza e maestria a sua conferência subordinada ao título: «A Mecânica do Cérebro».

Autor de vários livros, um de recente lançamento: TUDO É POSSÍVEL NA ETERNIDADE? psiquiatria, psicanalista e atento perscrutador da alma humana, não lhe foi difícil conduzir a assistência pelos intrincados meandros da mecânica do sono e dos sonhos. Pontilhado de curiosi-

dades e bom humor às diatribas do pensamento humano, o Dr. Vivaldo desenvolveu com tranquilidade e persuasão a sua longa e proveitosa palestra, despertando risos e ansiedades no público que o acompanhou atentamente por quase duas horas.

Finda a conferência o Dr. Vivaldo respondeu com desenvoltura e rapidez as perguntas que lhe foram dirigidas, revelando uma ginástica mental a toda prova e um profundo domínio da sua especialidade. O Centro de Cultura Social, deixa aqui os sinceros agradecimentos ao Dr. Vivaldo Simões, na certeza

de que muito breve o teremos novamente entre nós para usufruirmos da sua irradiante simpatia.

A seguir, os moços componentes do Laboratório de Ensaio, prestaram uma delicada homenagem expressada em abraços, felicitações, doces e refrigerantes, ao jovem artista Oswaldo Olney Krüse, que participa, com distinção, na

representação Brasileira à IX Bienal de São Paulo. Sua obra: Auto-retrato é um trabalho de vanguarda, feito de colagens de diversos materiais, inclusive alguns poemas do autor. Uma gravata também. É trabalho na linha «POP».

Ao jovem e talentoso artista Oswaldo Olney Krüse, as felicitações do Centro de Cultura Social.



Flagrante quando o Dr. Vivaldo calorosamente defendia sua tese e procurava esclarecer a Mecânica do Sono.

OS GUERREIROS

Peça de Waldir Kopezky

Ao redigirmos esta noite ainda não havia sido encenada esta obra que está sendo aguardada com vivo interesse pelos que acompanham de perto as atividades do Laboratório de Ensaio. A espetativa é grande por motivo de que o jovem autor é conhecido pelo seu espírito renovador na arte teatral.

As suas peças são sempre portadoras de um toque de originalidade que desperta ansiedade e interesse no público e entusiasmo no seu círculo de amizade que não é pequeno. Com certeza «Os Guerreiros» será um novo triunfo de nosso jovem companheiro Waldir Kopezky, pelo que o felicitamos.

— LIBERDADE —

SEMPRE DESEJADA - SEMPRE MALTRATADA!

Um movimento revolucionário vitorioso pode produzir mudança mais ou menos profundas nas instituições e formas de convivência, mas, por seus objetivos e resultados, pode estar situado como antípoda do conceito e do sentido daquela transformação que, desde as origens do socialismo, impulsionou as correntes e forças que se orientavam no sentido de libertar o homem da exploração econômica e da opressão política, do atraso cultural, das guerras e de quantas calamidades castigas e ameaçam a sobrevivência da humanidade.

Muito mais do que o significado que se dá às palavras, interessa saber o conteúdo da realidade que representam em nossos dias. Que se chame desta ou outra forma, julgue-se ou não como «revolução» qualquer brusca modificação de um sistema, conserve-se ou não para esse vocábulo o caráter de uma mudança positiva e que exclua toda regressão, o certo e válido é a natureza própria do fenômeno, quando observado à luz de seus efeitos imediatos, de seu desenvolvimento e de suas últimas consequências. Muitas são as palavras que perderam o sentido primitivo e sua nítida capacidade definitiva que possuíam em outros tempos.

Vejam alguns exemplos: a «justiça social» do peronismo não impediu o surgimento de uma casta de supermilionários enriquecidos ao amparo da corrupção oficial; a «democracia popular» serve de apelativo às ditaduras de partido único; o «anti-imperialismo» é «slogan» usado por membros ou simpatizantes de um império totalitário que domina metade do mundo; na chamada «esquerda» político-social reúnem-se, outrossim, partidos, setores e núcleos pertencentes às mais variadas expressões do absolutismo; os «direitos do homem» servem de bandeira a entusiastas apologistas de regimes responsáveis pelas mais bárbaras repressões políticas; um singular «comunitarismo» traduz intenções de institucionalizar formas de corporativismo copiadas da pragmática fascista-falangista; até a «dignidade da pessoa humana» é submetida a forçada submissão aos ditames do Estado onipotente.

Hoje chama-se «revolução» à derrocada de um regime democrático para substituí-lo por uma autocracia militar, ao movimento que derruba uma ditadura para estabelecer ou restabelecer o regime democrático ou à ação que acaba com uma vergonhosa tirania para substituí-la por outra igual ou ainda pior. A «psicose revolucionária» arrasta cegamente os desejosos de «qualquer mudança», sem pensar, nem medir o que pode vir depois. Em certos meios intelectuais, artísticos, estudantis, essa psicose é cuidadosamente cultivada e aproveitada pelos doutrinadores providos do conhecido «realismo político», amassado com as bíblicas verdades absolutas do determinismo histórico, a dialética materialista e a inevitável opção entre o capitalismo imperialista e o paradisiaco mundo «socialista» forjado graças a um Lenine, um Stalin, um Kruchev, um Brejnev, um Mao, um Tito, um Castro e até quase um Nasser.

Como «modelo» dos embaixados da chamada «libertação nacional» na América serve, naturalmente, a Cuba de Fidel Castro: para muitos, desde que o «dono» da revolução que derrubou Batista proclamou-se publicamente marxista-leninista e colocou a ilha na órbita de Moscou; para outros, apesar da convicta e confessa autodefinição totalitária orgulhoso ditador, desde que apregoa sua ira anti-ianque. A onda castrocomunista envolve, também alguns adeptos da alquimia que pretende unir a água e o fogo, pregando anti-autoritarismo e anti-estatismo mas apoiando abertamente o regime superautoritário e superestatal cubano, ou tolerando em silêncio seus atropelos e seus crimes, o que representa, no final das contas, outra forma de dar-lhe apoio.

É difícil abrir uma brecha na couraça dos adeptos e simpatizantes francos ou avergonhados do castrocomu-

nismo. Será inútil demonstrar com provas documentais que em Cuba não existe liberdade para o povo, para os operários, para os camponeses, para os sindicatos, para os estudantes, para os artistas, para a imprensa. Será estéril publicar a longa lista das vítimas do paredão e dos sepultos vivos nos lugares inóspitos para onde eram remetidos os presos por razões políticas. Será em vão demonstrar que é falsa a chamada «revolução agrária» e que as «cooperativas» são — como tudo em Cuba — meros apêndices explorados pelo Estado. Nada valerá detalhar os relatos horripilantes das torturas policiais, através da G-2, dos familiares dos exilados. Que aprisionem Hubert Matos, que assassinem a Camilo Cienfuegos, que fuzilem um jovem de 17 anos, que torturem, que isolem como empedrados os detidos, nenhuma brutalidade tem importância. Apesar de tudo, afirmam os vacinados contra toda sensibilidade, é uma revolução...

Aos olhos dessa gente, quem critica ou se opõe ao regime castrocomunista é considerado mais ou menos como um agente do imperialismo (ianque, entende-se) ou faz seu jogo, inconscientemente; os mais abnegados revolucionários e libertários, que tiveram que abandonar o país, são desprezíveis «vermes» ou, na melhor das hipóteses, não souberam colocar-se à altura dos acontecimentos; os que defendem o direito de autodeterminação do povo diante da entrega do país ao totalitarismo bolchevista, são considerados liberais caducos e saturados de preconceitos burgueses; os que afirmam que não se trata de defender o capitalismo, mas de aplicar soluções que independam de qualquer regime despótico, são iludidos sonhadores que não sabem interpretar a hora revolucionária que, segundo a opinião deles, transcorre na América Latina. É preciso, pois, tomar o fanal dessa revolução, mesmo que depois do triunfo o nóvo poder atraia e destrua seus melhores protagonistas e condene o povo «libertado» a uma escravidão total, forçando a todos e a cada um a escolher entre uma humilhante subserviência ou a tornar-se vítima da mais desapidada repressão.

Para os libertários nunca existiu nem pode existir a menor vacilação no julgamento de tal regime liberticida, deem-lhe o nome que quiserem. A URSS demonstra sem a menor sombra de dúvida a falsidade da teoria da chamada «ditadura transitória» como degrau no caminho do socialismo. Todas as experiências históricas ratificaram a afirmação dos antistatais de que todo poder tende a consolidar-se e tornar-se cada vez mais prepotente, em lugar de debilitar-se até a extinção de sua natureza opressiva, que lhe é intrínseca. Sobre montanhas de cadáveres e terror sem nome firmou-se o poder bolchevique. A Cuba de Fidel Castro é uma cópia desse sistema e os furtos que poderia gerar em qualquer parte da América, para sua desgraça, levariam idêntica marca.

Quem queira jogar lenha na fogueira com que o totalitarismo queima os valores essenciais da humanidade, poderá invocar qualquer pretexto, mas jamais seria honesto amparar-se em princípios e ideais irreconciliáveis com qualquer gênero de inimigos da liberdade.

ARTE PARA ELITE

**Dr. Jacob Pinheiro Goldberg**  
Os grupos privilegiados do poder aspiram ao distanciamento total das grandes massas que lhes servem.

Este distanciamento realiza sua motivação psicológica e justifica, perante sua consciência, o conforto e a difi-culdade alheia.

Para tanto necessita, entre outros condimentos, de uma arte privada, que seja característica de uma estética mais alta, com símbolos indecifráveis para as multidões, linguagem hermética.

Um ideólogo desta concepção, Karl Hofer doutrinou: «Quanto mais significativa é uma arte, tanto menos ela pode ser arte as grandes massas. Aquilo que a massa procura na arte é o «pires», mas é nela que se satisfaz, de uma forma descomprometida, simples e cheia de sentido, o sentimento profundo e puro das grandes massas para tudo o que é nobre».

O paralelismo entre este enfoque e a dissolução da produção artística que se aconchega a técnica é evidente. O constatamos na música de Schoenberg, na pintura contemporânea, na literatura a partir de Joyce. A revelação inspirada acabaria substituída pelo desengonço do objeto, sem mérito criterioso, em si, mas com inteligência prévia.

O fenômeno industrial, do mercado consumidor acabará

**dealbar**  
A IDEIA É COMO A GÓTA D'ÁGUA. PODE REFLETIR A INFINIDÃO.  
Diretor: PEDRO CATALÃO  
Redação e Administração: Rua Bahia de Olinda, 85  
Correspondentes: Casa Postal 5399  
São Paulo

Ano 2 - Número 9 - NOVEMBRO DE 1967 - Preço NCr\$ 0,20

AUTORITARISMO

(continuação do número anterior)

ERICH FROMM

Frequentemente, e não apenas na linguagem popular, o sadomasoquismo é confundido com amor. Os fenômenos masoquistas, sobretudo, são encarados como expressões de amor. Uma atitude de completa renúncia em proveito de outra pessoa e a rendição de próprios direitos e reivindicações sobre outrem têm sido louvadas como exemplos de «grande amor». Parece não haver melhor prova de «amor» do que o sacrifício e a boa-vontade para capitular em benefício da pessoa amada. Na verdade, nestes casos, o «amor» é essencialmente um anseio masoquista e arraigado na necessidade simbiótica da pessoa em questão. Se pensamos no amor como afirmação apaixonada e o relacionamento ativo com a essência de uma determinada pessoa, se pensamos nele como a união com outra pessoa baseada na independência e integridade das duas pessoas em jogo, então masoquismo e amor são antagonísticos. O amor funda-se na igualdade e na liberdade. Se estiver baseado na subordinação e na perda de integridade de um dos parceiros, será uma dependência masoquista, não importa como seja racionalizada a relação. O sadismo também aparece reiteradamente disfarçado como amor. Mandar em outra pessoa, caso se alegue que isso é feito em prol desta, muitas vezes aparece como uma manifestação de amor, mas o fator essencial é o prazer da dominação.

A esta altura, uma pergunta ter-se-á formado no espírito de muito leitores: não será o sadismo, segundo aqui descrevemos, a mesma coisa que o desejo irrefreado de poder? A resposta é que, conquanto as formas mais destrutivas de sadismo, em que o objetivo é ferir e torturar outra pessoa, não sejam idênticas ao desejo de poder, este é a expressão mais significativa do sadismo. O problema adquiriu maior realce nos dias que correm. Desde Hobbes, o poder tem sido olhado como o motivo básico do comportamento humano; os séculos seguintes, no entanto, deram maior peso aos fatores legais e morais que tendiam a frear o poder. Com o surto do fascismo, a ânsia de poder e a convicção de seu direito atingiram nova culminância. Milhões são impressionados pelas vitórias do poder e tomam-no como sinal de vigor. Certamente, o poder sobre pessoas é uma expressão de superioridade de força numa aceção puramente material. Se eu tenho poder suficiente sobre outra pessoa para matá-la, sou mais «forte» do que ela. Porém, em uma aceção psicológica, a ânsia de poder não se origina da força, mas da fraqueza. Ela é a expressão da incapacidade do eu individual para ficar sózinho e viver. É um esforço desesperado para conseguir força simulada quando se tem falta de força autêntica.

A palavra «poder» tem um duplo sentido. Um é a posse de poder sobre alguém, a capacidade de dominá-lo; o outro sentido é posse de poder fazer algo, é ser capaz, é ser potente. Este último nada tem a ver com dominação: ele exprime mestria na aceção de senso de capacidade. Quando falamos de impotência, é este significado que temos em mente; não pensamos em uma pessoa que não é capaz de dominar outras, porém de uma que não é capaz de fazer o que quer. Assim, poder pode significar uma das duas coisas, dominação ou potência. Longe de serem idênticas, elas se excluem mutuamente. A importância, empregando o termo não só com vista à esfera sexual mas a todas as esferas das potencialidades humanas, produz o impulso sádico de dominação; na medida em que um indivíduo é potente, isto é, apto a realizar suas potencialidades com base na liberdade e integridade de seu eu, ele não precisa de dominar nem tem sede de poder. O poder, na aceção de dominação, é a perversão da potência, tal e qual o sadismo sexual é a perversão do amor sexual.

(continua no próximo número)

COMO AJUDAR «DEALBAR»

Temos recebido seguidamente cartas do interior e de outros Estados, perguntando qual a melhor maneira de ajudar Dealbar. Parece-nos muito simples a maneira eficiente de ajudar-nos a dar maior vida e expansão ao nosso jornal. Em cada localidade onde haja pessoas in-

teressadas em que o nosso jornal continue crescendo, podem se formar grupos denominados «AMIGOS DO DEALBAR», que se incumbiriam de difundir-lo, de enviar sugestões para melhorá-lo, de mandar colaboração escrita focalizando assuntos de ordem geral ou local, de angariar fundos para garantir definitivamente a sua saída e ampliar-lhe a tiragem, e se possível, tirá-lo semanalmente.

Esse grupo pode compor-se de número ilimitado de pessoas que estejam de acordo com o critério por nós defendido, poderá reunir semanal ou mensalmente sempre com

a finalidade de discutir os problemas atinentes à vida do jornal; difusão, manutenção, colaboração etc.

Em princípio, isto nos parece muito prático, fácil e eficiente. Cada agrupamento «AMIGOS DO DEALBAR», que se fundar, devem corresponder-se com o Diretor, manifestando o número de exemplares que lhe devem ser remetidos, outras informações e orientação se o desejarem.

O Diretor

As guerras só podem ser abolidas pelos que sofrem por elas;

León Tolstoy

**AVISO IMPORTANTE**  
Para evitar transtornos toda correspondência e valores devem ser dirigidos em nome do Diretor.

«A luta do homem pela liberdade não tem data marcada para o seu começo ou seu fim»  
Juiz William Douglas